

FLOR DE LIS

OUTUBRO 2025



Notícias | CNE presente na Canonização de Carlo Acutis e de Pier Georgio Frassati

Oportunidades | Chama-se Espigueiro - agora, Biblioteca de Troca de Livros

LITERACIA FINANCEIRA: GERIR PARA MELHOR SERVIR



SOL-A-SOL: SERVIR PARA VIVER

O Sol-a-Sol faz jus ao nome: na aldeia onde a energia não chega, o tempo mede-se pela luz do dia e pelo calor do serviço.

Texto: Rúben Pereira | Fotos: Drave Rover Scout Centre (DRSC)

Este ano, os Caminheiros foram desafiados a viver o «A Caminho do Triunfo», refletindo diariamente sobre cada um dos escolhos para os quais Baden-Powell nos alertou. Cada participante pôde sair da sua zona de conforto, colocar as suas capacidades à prova e, ao longo da semana, aprender novas competências através dos diferentes serviços. Tal como os jovens, também a Equipa de Staff se colocou à prova na semana mais intensa do ano, na Drave.

Para nós, o Sol-a-Sol começa muito antes: cerca de um ano antes, com a recolha constante das necessidades de intervenção que o Centro vai identificando. Este ano, além de pequenas reparações e melhorias nas infraestruturas, decidimos ousar reerguer, das cinzas, o shelter que o último incêndio nos levou, bem como restaurar o único espigueiro ainda de pé na aldeia.

A Equipa de Staff distribuiu-se pelos vários serviços necessários, de acordo com as suas competências e aptidões. Cada responsável coordenou o grupo de participantes que, nesse dia, se dedicou à tarefa atribuída. Cabe-nos, além de garantir a correta execução, envolver sempre os Caminheiros, permitindo que cada um deixe a sua marca na aldeia.



Foram dias intensos, cheios de encontros e reencontros, confidências e histórias, amizades, intercâmbio cultural e um sem-número de momentos que, para sempre, apenas o sol e a serra guardarão em silêncio.

Mas o que é, afinal, um Sol-a-Sol para um Staff? É, antes de mais, um ato de entrega. É a responsabilidade

de preparar cada detalhe para que os outros possam viver a magia da Drave em segurança e plenitude. É o privilégio de ver, nos rostos cansados, mas felizes dos Caminheiros, a certeza de que cada esforço valeu a pena. Ser Staff é estar nos bastidores e, ao mesmo tempo, sentir-se parte de cada conquista, de cada sorriso e de cada pedra erguida.

E no final... sobra um silêncio cheio. Quando subimos a montanha e olhamos para trás, para a aldeia no vale re-pousada, os olhos dizem mais do que a boca. Vêm à memória todos os momentos que passaram num piscar de olhos: o primeiro canto da alvorada, a madeira a ranger no novo shelter, as gargalhadas partilhadas à volta da mesa. O coração aperta, porque sabemos que deixámos ali um pedaço de nós e levamos connosco algo que não cabe na mochila.

Procurando deixar o mundo um pouco melhor do que o encontrámos, no Sol-a-Sol mostramos a quem nos visita que, se não vivemos para servir, não servimos para viver. ■

CHAMA-SE ESPIGUEIRO - AGORA, BIBLIOTECA DE TROCA DE LIVROS

Texto: Cassilda Baptista e Cláudia Costa | Fotos: Drave Rover Scout Centre



Desde tempos antigos, os espigueiros foram uma peça essencial da vida rural portuguesa. Erguidos em pedra e madeira, elevados do chão sobre pilares, protegiam as colheitas da humidade e dos animais. São estruturas simples, mas carregadas de significado - e ainda hoje muitos se mantêm de pé de norte a sul do país, alguns até cumprindo o seu propósito original.

Na Drave, o lugar mágico dos escuteiros, restava apenas um. O último espigueiro. Uma estrutura que, mais do que um armazém agrícola, era um marco simbólico. Para muitos Caminhneiros e Dirigentes, era parte do cenário habitual: o lugar onde se tomavam pequenos-almoços ao nascer do Sol, onde se trocavam confidências, onde o olhar se perdia entre montanhas.

Mas o tempo, mesmo sem ruína, já pesava nos seus ombros.

Perante o seu desgaste, nasceu uma decisão: não esperar que caísse - mas reerguê-lo com dignidade, plenitude e propósito.

Ao contrário do que por vezes acontece com o abandono, este espigueiro foi deliberadamente desmontado, com todo o cuidado técnico e respeito pelo seu valor histórico e ar-

quitetónico. Cada peça, cada pedra, cada trave foi removida com o objetivo de regressar ao lugar - renovada, reforçada e respeitada.

Com o apoio do Departamento Nacional do Ambiente (DNA), e através do **Projeto Jovens 2030**, promovido em Portugal pelo **Instituto Marquês de Valle Flôr**, o espigueiro ganhou

mais do que uma nova estrutura: ganhou uma nova missão.

«E se, em vez de guardar milho, passasse a guardar livros?»

A proposta era clara: transformar o espigueiro numa Biblioteca de Troca de Livros - um lugar onde escuteiros e visitantes possam deixar e levar livros, partilhar ideias, crescer em ci-



dadania global e alimentar o espírito com conhecimento e cultura.

A reconstrução foi tecnicamente exigente: manteve-se a sua estrutura original, mas o restante foi cuidadosamente desmontado e restaurado; as madeiras foram tratadas ou substituídas; foi mantido o design típico do espigueiro minhoto, com o corpo suspenso, cobertura inclinada e ventilação lateral; e o interior foi adaptado com estruturas simples em madeira para acolher os livros, mantendo sempre o respeito pela forma e integridade visual do edifício original, agora adaptado a novas funções.

Foram semanas de trabalho intenso, partilhado por muitos, em que o espigueiro passou por fases tocantes: do vazio à estrutura nua, até ao momento mágico em que renasceu em todo o seu esplendor.

«Foi como ver um velho amigo levantar-se novamente, com mais força, mais cor e uma nova razão de existir.»

No coração da aldeia, o novo espigueiro continua a cumprir o seu papel: guardar.

Antes, era alimento para o corpo. Agora, é alimento para a mente e para o espírito. Um espaço de partilha, de contemplação e de cultura – ao serviço dos escuteiros e de todos os que cruzam a Drave.

Este projeto é mais do que uma intervenção arquitetónica. É uma declaração: que vale a pena cuidar do que é nosso. Que a tradição não precisa de ser um museu – pode ser viva, útil e inspiradora. Que a memória, quando bem tratada, floresce.

E ali, no alto das montanhas, o espigueiro sorri. Não como quem voltou



O projeto Jovens 2030: mobilizar para agir. Da proteção dos solos à promoção da Cidadania Global, com duração de 48 meses e abrangendo 14 países europeus, visa sensibilizar e mobilizar jovens de zonas rurais e remotas para o papel que podem assumir na promoção do desenvolvimento sustentável. Através de atividades de educação não formal, participação ativa e criação de parcerias, pretende-se integrar a Educação para o Desenvolvimento e Cidadania Global (EDCG) nestes territórios, garantindo que «ninguém fica para trás». O objetivo é alcançar 21 milhões de jovens em meios rurais, dos quais 250 mil se mobilizarão ativamente, reforçando o compromisso com um mundo mais justo, digno e sustentável.

Os jovens são hoje reconhecidos como agentes críticos de mudança, já a contribuir para o desenvolvimento sustentável das suas comunidades. No entanto, persistem desigualdades no acesso a oportunidades de conhecimento e participação, sobretudo em zonas rurais, onde os projetos de Educação para o Desenvolvimento e Cidadania Global chegam com menos frequência. A amplificação da voz destes jovens é fundamental para reforçar a coesão social e a cidadania ativa, especialmente perante desafios globais como a degradação dos solos, recurso vital para a biodiversidade, a alimentação e o equilíbrio climático, mas cuja regeneração ainda é possível.

O projeto Jovens 2030 | Rural Voices 2030 conta com o financiamento da União Europeia, sendo apoiado pelo CICL - Instituto da Cooperação e da Língua, I.P., em Portugal.

ao passado, mas como quem ganhou futuro.

E, na Drave, esse reerguer chama-se Espigueiro – agora, Biblioteca de Troca de Livros. ■

